

AQUISIÇÃO DE L2 POR IDOSOS: UM ESTUDO BASEADO NO GERATIVISMO SOBRE AS DIFICULDADES NA 3ª IDADE DE ADQUIRIR A LÍNGUA INGLESA

Marisa Luna Kitzig (UEMS)

marisalk@bol.com.br

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Este projeto de pesquisa pretende analisar sob os aspectos linguísticos, os fatores e as causas que levam os idosos a buscar aprendizagem da língua inglesa na terceira idade, bem como verificar os métodos que envolvem essa aprendizagem relacionando-os com as dificuldades encontradas pelos aprendizes na aquisição da língua inglesa; e indicar por meio das teorias e modelos linguísticos os meios para a efetivação dessa aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória, com método dedutivo e uma abordagem qualitativa em que será realizado um questionário junto aos alunos idosos de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Espera-se por meio dessa pesquisa contribuir para maior compreensão dos fatores que envolvem a aprendizagem da língua inglesa aos aprendizes da terceira idade, bem como, conhecer os métodos e modelos teóricos que melhor se adequam ao ensino e aprendizagem dos idosos e também como mantê-los motivados para concluírem seus cursos de língua inglesa.

Palavras-chave:

Aprendizagem. Língua inglesa. Terceira idade.

1. Introdução

Este artigo trata de parte de um estudo maior que está sendo desenvolvido sobre a aquisição de L2 (segunda língua) por idosos: um estudo baseado no Gerativismo sobre as dificuldades na 3ª idade de adquirir a língua inglesa, em que será analisada a aprendizagem da língua inglesa a partir da 3ª idade em seus aspectos linguístico e social.

O tema proposto envolve a inserção social do idoso na aprendizagem da língua inglesa, considerando o aumento significativo de pessoas idosas que ao aposentarem-se procuram ocuparem-se com os estudos, muitas vezes dando continuidade às atividades sociais e pessoais através de viagens turísticas ou cursos complementares. Destaca-se assim, que uma das razões do idoso aprender a língua inglesa é a interação social, considera-se que os fatores sociolinguísticos podem interferir nesse processo de aprendizagem entre adultos da 3ª idade.

O aprendiz da 3ª idade que não consegue superar as dificuldades de aprendizagem quer por motivos pessoais ou pela inadequação dos métodos em relação às suas necessidades, sente-se desmotivado a continuar os estudos. Desse modo, esse estudo consiste em contribuir para uma reflexão sobre quais teorias segundo, a abordagem gerativista, devem ser empregadas para viabilizar a aprendizagem da LI (língua inglesa) para aprendizes idosos.

2. A importância da aquisição para os idosos

Atualmente os idosos voltam aos estudos principalmente, para aprender a língua estrangeira, porque geralmente essas pessoas assumem funções dentro da sociedade e também por serem imbuídos pela integração social. Sob esse viés é necessário um olhar para as teorias de aquisição e práticas metodológicas de ensino e aprendizagem para o melhor desempenho instrucional das pessoas na 3ª idade.

A denominação terceira idade foi atribuída ao período cronológico que aproxima a aposentadoria e a velhice, na faixa dos 60 aos 65 anos, cujo termo veio nomear a nova etapa da vida, porém, não impede a continuidade da vida ativa:

[...] as pessoas não se tornam improdutivas ou incapazes com a idade. Ao contrário, a incapacidade para a produção efetiva no campo profissional, p. ex. pode estar presente inclusive entre os jovens. As pessoas não deveriam ser rotuladas ou divididas em faixas de idade, como propõe a sociedade. (CONCEIÇÃO, 1999, p. 14 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 28)

O Estatuto do Idoso, sob a égide da Lei nº 10.741 de, 1º de outubro de 2003, em seu capítulo V, artigo 21, trata do quesito Educação, o documento impõe a criação de oportunidades de acesso do idoso à educação adequando currículos, metodologias e material didático aos programas a ele destinados, inclusive cursos especiais integrando-os aos recursos tecnológicos. Esses programas contemplam a valorização social e o papel do idoso, a convivência, a atenção e o cuidado através de diversos cursos de capacitação, educação para a saúde, atividades físicas, arte e cultura, conhecimentos gerais, conhecimentos específicos sobre a terceira idade, línguas estrangeiras e cursos livres extracurriculares (BRASIL, 2003).

Com base no amparo legal é salutar propiciar ao idoso as condições necessárias para a sua integralização no âmbito educacional e social.

Cumprе ressaltar que há benefícios na aquisição de L2 para os idosos, quanto às funções biológicas e cognitivas, uma vez que os exercícios mentais de aprendizagem favorecem a plasticidade cerebral. Porém, para que a aquisição da L2 aconteça, geralmente esses idosos encontram desafios a serem superados: biológicos, psicológicos e também com a falta de materiais didáticos adequados etc.

3. A linguística contemporânea e o gerativismo

A linguística contemporânea está ligada às ciências cognitivas que a partir da década de 1950, incorporou-se aos diversos campos tais como: – psicologia, ciência da computação, inteligência artificial, neurociência, neurolinguística, sociolinguística e a antropologia.

O fator idade em relação à aprendizagem da língua estrangeira (inglesa) denota certa habilidade cognitiva. O fenômeno que a linguística se propõe a pensar é a questão da capacidade da linguagem no ser humano.

As mais de 6000 línguas naturais do mundo têm sentenças compostas a partir de unidades sintagmáticas (expressões nominais, verbais, adjetivais etc.), constituídas de palavras que são formadas por segmentos menores, os fonemas (unidades de sons das línguas). Os sintagmas e fonemas que formam as línguas humanas são recursos finitos, mas todas as línguas fazem uso infinito desses meios finitos. Esse conjunto limitado de itens pode formar um número ilimitado de expressões. Essa propriedade de extensão ilimitada das línguas naturais ocorre devido à capacidade computacional que é denominada recursividade (FERRARI, 2016, p. 17).

No nível sintático, há estruturas que por meios diferentes chegam a conteúdos semelhantes. No nível lexical, se há falta de algum termo, diante da necessidade, um termo sempre surge da criatividade linguística. No nível semântico, há em todas as línguas uma dependência entre os significados produzidos e a estrutura sintática. No sentido pragmático do uso da língua em contexto, todas as línguas têm meios para a realização de fala específicos (LYONS, 1987, p. 211).

Noam Chomsky propôs que os processos cognitivos envolvidos na faculdade da linguagem não poderiam ser simplesmente estímulos e respostas, como queriam os behavioristas. As regras gramaticais que estruturavam sentenças eram substrato inscrito na genética humana. A fa-

culdade de linguagem passou a ser vista como uma característica exclusiva da espécie humana. Nesse viés teórico, surgia na década de 1950, a Revolução Cognitivista. Os enunciados que produzimos tem uma certa estrutura gramatical, eles estão em conformidade com regras de boa formação: a gramaticalidade (CHOMSKY, 1998, p. 21).

A abordagem dos Princípios e Parâmetros procura responder as questões sobre a adequação descritiva e explicativa da linguagem. Enquanto o programa minimalista infere que a faculdade da linguagem, baseia-se nos sistemas mente-cérebro em dois níveis de interface, relacionando-os aos sons e o outro ao significado (CHOMSKY, 1998, p. 40, p. 45).

O conhecimento linguístico envolve uma quantidade de estrutura inata ao homem, as teorias linguísticas da atualidade assumem algum nível de inatismo em relação à cognição humana. No que se refere à cognição humana, algumas cognições precisam ser mediadas por fases de desenvolvimento neuronal excepcional, conhecidas como Período Crítico. Assim, se os dados primários não se apresentarem ao indivíduo durante o período crítico, a linguagem deste indivíduo nunca se estabelecerá em termos de acuidade cognitiva, compatível com a dos indivíduos expostos normalmente à fala de uma comunidade. Desta forma a linguagem passaria por três períodos diferentes de desenvolvimento quanto à capacidade de desenvolvimento de linguagem nativa. O primeiro período crítico ocorreria entre os 2 a 3 anos de idade (o sistema está maximamente plástico); o segundo momento se estende dos 3 anos até a puberdade, é o período sensível (LENNEBERG, 1967 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 58); o terceiro momento se dá depois da puberdade, a aquisição nesse período não se dá como língua nativa, mas como língua estrangeira L2.

A competência linguística de um falante é aquela porção do seu conhecimento que por meio do seu sistema linguístico ele é capaz de produzir um conjunto infinitamente grande de sentenças que constituem a sua língua.

O desempenho é o comportamento linguístico que além da competência do falante é determinado por vários fatores não linguísticos, por meio de convenções sociais, crenças acerca do mundo, atitudes emocionais do falante, pressupostos do seu interlocutor etc., e o funcionamento dos mecanismos psicológicos e fisiológicos envolvidos na produção dos enunciados (LYONS, 1987, p. 22).

4. *Aquisição ou aprendizagem*

O conhecimento linguístico envolve uma quantidade de estrutura inata ao homem. Após a adolescência, a aquisição de L2 se torna mais difícil e nunca atinge o nível de língua materna. Chomsky argumenta que, longe de serem como folha de papel em branco, as crianças já trazem ao nascer um órgão mental específico (*Language Acquisition Device-LAD*) que lhes permite de modo inconsciente, formular hipóteses a partir de dados desconexos a que estão expostos (FERRARI, 2016, p. 134-5).

Assim, o fator idade requer uma discussão mais acentuada, vez que para Chomsky, Pinker e Lenneberg (CHOMSKY, 1959, PINKER, 2002, LENNEBERG, 1967 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 60), a aquisição de uma segunda língua não é mais função da gramática universal, mas é um processo cognitivo de aprendizagem de habilidades.

As estratégias socioafetivas envolvendo a cooperação de pessoas foram determinantes para a aprendizagem na 3ª idade (PIZZOLATTO, 1995 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 67, p. 68). A afetividade como um dos fatores que envolviam aprendizagem da L2 foi um dos aspectos da aprendizagem, defendido por Krashen (KRASHEN, 1982, *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 68) sobre o filtro afetivo. A motivação social também foi um dos fatores para a aprendizagem do idoso.

Na visão de Moita Lopes (MOITA LOPES, 1996 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 62), o sucesso da aprendizagem depende do tipo qualidade da interação, de interações em sala de aula (VYGOTSKY, 2001 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 62-3) e da motivação quanto ao alvo que é mais do que um sistema biológico e natural, vai além das complexidades contextuais que compõem todas as circunstâncias do processo. Todos são capazes de adquirir uma segunda língua, a diferença é que uns terão mais facilidades do que outros.

Para Pinker (PINKER, 2002), aprender uma segunda língua em idade adulta em situações de sala de aula existe, mas é raro e depende de puro talento. Segundo Krashen (KRASHEN, 1982, *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 68) os idosos desenvolvem tarefas monitoradas que requerem análise gramatical porque possuem mais habilidade em manipular categorias abstratas, formalizando regras e conceitos. Quanto aos fatores psicológicos e afetivos, destacam os linguistas que as dimensões afetivas são responsáveis pela relação social da aprendizagem de uma língua que promove uma conexão entre os domínios afetivos e sociais.

Dentre esses os fatores psicológicos e afetivos que podem influenciar na capacidade de aprender a língua inglesa, podemos citar autoestima, inibição, curiosidade, introversão e extroversão e empatia, todos esses devem ser levados em conta no contexto da aquisição de língua estrangeira. No caso em estudo a língua inglesa, principalmente nos aprendizes adultos (KRASHEN, 1982 *apud* OLIVEIRA, 2010).

A aquisição e aprendizagem da língua inglesa, sob o viés da linguística, está embasada em algumas teorias que procuram explicá-las. Dentre as principais destacam-se: a teoria da aculturação “pidginização”; a teoria dos universais linguísticos que procuram explicar aquisição de L2 de um componente linguístico, biológico e inato; a teoria da interlíngua; a teoria do discurso que é a interação comunicativa entre falantes e não falantes nativos de L2; a teoria behaviorista que através da análise contrastiva, pode corrigir os erros linguísticos; a teoria de Krashen (KRASHEN, 1981, 1982, 1985 *apud* FIGUEIREDO, 1995 p. 48), que consta de cinco hipóteses principais: a da distinção entre aprendizagem e aquisição; a da ordem natural; a do *input*; a do monitor e a do filtro afetivo; a teoria do *output*. O conceito de *output* nesta hipótese de aquisição, está relacionado com a “língua em ação e não como produto de uma ação” (SWAIN, 2006, p. 95 *apud* PAIVA, 2014, p. 121).

A aprendizagem da língua inglesa efetiva-se quando o aprendiz estabelece uma relação com a língua. Portanto, não há um método ideal e a aprendizagem não depende apenas de ações pedagógicas. Há vários recursos didático-pedagógicos que são motivadores para a aprendizagem, tais como: filmes, seriados, jogos e principalmente a música que é apontada como um recurso na aula de língua inglesa destacando-se como potencialidade motivadora (KRASHEN, 1987 *apud* MONTEIRO, 2013, p. 182-3), porque atua nas variáveis como motivação, autoconfiança e baixa ansiedade que estão relacionadas ao fracasso ou ao sucesso da aprendizagem.

5. Considerações finais

No desenvolvimento desse artigo ficou evidente a gama de modelos, teorias e hipóteses, que buscam embasar o processo de aquisição de uma segunda língua, no caso a língua inglesa. Porém, o que se verifica é que a Linguística Aplicada, atualmente está atrelada aos estudos das ciências cognitivas. Portanto, há um caminho amplo a ser percorrido para chegar aos resultados pretendidos no que tange a aquisição da L2. Deste

modo, depreende-se que para o aprendiz da 3ª idade, a aprendizagem consiste na apreensão dos conteúdos gramaticais da L2 e nas relações de interações pessoais e no contexto sociocultural do aprendiz.

No contexto do Gerativismo, verificou-se por meio dos estudos já mencionados que os linguistas concordam que em todas as línguas existem características básicas, como as estruturas denominadas: sujeito, objeto e verbo. Do que se infere que temos no gerativismo o fio condutor para buscarmos os suportes necessários para a efetivação do ensino/aprendizagem, para os idosos na 3ª idade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, *Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.* Diário Oficial da União, Brasília-DF, 03 de outubro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas.* Trad. de Lúcia Lobato; revisão de Mark Ridd. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

FERRARI, Lilian; FRANÇA, Aniela Improta; MAIA Marcus. *A Linguística no século XXI convergências e divergências no estudo da linguagem.* São Paulo: Contexto, 2016.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. *Aquisição e aprendizagem de segunda língua.* In: *Revista SIGNÓTICA*, UFG, Goiás, v. 7 n. 1, 1995, Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/7380>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística.* Trad. de Marilda Winckles Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Editora Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro, RJ. 1987. Trad. de: *Language and Linguistics*.

MONTEIRO, Dirce Charara; NASCENTE, Renata Maria Moschen (Orgs). *Pesquisa, ensino e aprendizagem da Língua Inglesa: olhares e possibilidades.* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

OLIVEIRA, Hélvio Frank de. *À flor da (terceira) idade: crenças e experiências de aprendizes idosos de língua estrangeira (inglês).* Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras, Universidade

de Brasília, Brasília-DF, 2010. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/diserta_online/Helvio_Oliveira.pdf> Acesso em: 17 de outubro de 2018.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Aquisição de segunda língua*. São Paulo: Parábola, 2014.

PINKER, Steven. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. Tradução: Cláudia Berliner; revisão técnica: Cynthia Levart Zocca, São Paulo: Martins Fontes, 2002.